

O pobre Nietzsche*

Wilson Martins**

Resumo: A partir da leitura de dois livros sobre Nietzsche editados no Brasil, o de Heinrich Mann (1940) e o de Crane Brinton (1942), o jovem Wilson Martins busca mostrar sua compreensão acerca do autor da *Genealogia da moral*. Validando, sobretudo, a interpretação de Brinton, ele julga que Nietzsche não está com a verdade, visto ser apenas um “intelectual de classe média”, um “pensador sutil e letrado” cujas ideias não servem para justificar nem a barbárie do nacional-socialismo nem a causa da civilização.

Palavras-chave: Nietzsche - interpretação - Heinrich Mann - Crane Brinton - verdade.

Heinrich Mann levanta uma questão, a do juízo de Nietzsche a seu próprio respeito, que eu saudei como um velho conhecido, porque na realidade já me tinha ocorrido muito antes de conhecer sua famosa obra sobre o pensador de Sils-Maria: Nietzsche seria sincero ou estava representando uma formidável farsa? É o que Heinrich Mann nos responde dizendo que “certo ou errado, Nietzsche se considerava único”. (Heinrich Mann, “Nietzsche”, Ed. Brasileira da Livraria Martins, pág. 7). E mais adiante, pág. 8: “Nietzsche queria ser aquele que deveria superar o século dezenove; em face de sua consciência, assumia a função de um ‘pensador ENTRE os séculos’”. Aliás, esse verbo SUPERAR foi o mais comum do século passado. Todos se julgavam com direito de usá-lo em seu favor; e o próprio Nietzsche muitas vezes pareceu velho a esses homens em quem a estulta pretensão humana tinha chegado ao último limite. Tanto assim é que a obra nietzschiana só começou a ser levada a sério praticamente a partir de 1891, depois

* Publicado no jornal *O Dia*. Curitiba, Domingo, 26 de Julho de 1942, Folhetim Literário, p. 11.

** Wilson Martins (1921-2010). Crítico literário, jornalista, professor, escritor. Autor de *A crítica literária no Brasil* (1952) e dos sete volumes da *História da inteligência brasileira* (1976 e 1979).

do famoso estudo de Brandes, quer dizer – quase no fim do século e de sua vida consciente.

Diante da obra de Nietzsche não se pode tomar uma atitude sensata porque ela foge a todas as características das coisas sérias. Daquele desordenado conjunto de aforismas e de ideias muitas vezes incompreensíveis, restou apenas, como coisa que mereça a atenção de um estudo, a sua discutida genealogia da moral, com a conseqüente teoria sobre a vontade de poder, hoje, por sinal, aproveitada em sentido tão surpreendentemente inesperado. Nietzsche já desde as primeiras obras deixara mais ou menos delineados os traços em que basearia mais tarde a genealogia da moral. A distinção entre o bem e o mal é uma invenção puramente humana, dizia ele, abstração dos fortes, dos poderosos, dos homens pertencentes a um inexplicável “*esprit de corps*”, que a impingiram à sub-humanidade estúpida que eles dominavam. O que lhes era vantajoso ficou sendo o BEM; o que os prejudicava – o MAL. Em outras palavras: para os Chefes o bem era a expressão da VONTADE DO PODER, vontade essa que, por fenômeno que Nietzsche se esqueceu de explicar, pode se manifestar, também, no seio do rebanho... Dotados dessa vontade, podem os homens do rebanho, um dia tornar-se chefes e mudar, assim, toda a escala dos valores. Foi o que aconteceu, por exemplo, com os cristãos, que, impotentes, fracos e indignos, inventaram uma religião de piedade, de doçura, de igualdade, para ensiná-la aos demais homens do rebanho, e juntos, derrotarem os Chefes.

Tudo isso, porém, está ultrapassado, para usar a expressão tão querida do século dezenove. As contradições em que Nietzsche tanto se comprazia, aquela desnorteadora linguagem com quem pensou deslumbrar a outros homens, tudo isso ficou no passado, apenas como mais uma experiência vencida. Nietzsche hoje é tido como um intelectual da classe média, que não chegou sequer a conquistar um lugar na história da filosofia. E um dos índices da nova maneira de encarar o alucinador pensador alemão está no

livro que motivou a crônica de hoje.

Crane Brinton – NIETZSCHE – Tradução de Ester Mesquita – Companhia Editora Nacional – São Paulo – 1942 – 255 páginas.

Crane Brinton, da Universidade de Harvard, não estuda neste livro o que se convencionou chamar a parte filosófica da obra de Nietzsche a não ser nos momentos em que isso se faz absolutamente necessário. Seu intuito foi mais o de uma viagem através da vida do torturado escritor, de maneira a torná-la presente e a bem situá-la, hoje em que, no dizer de Heinrich Mann, não está Nietzsche menos vivo do que quando deixou de escrever, há cinquenta anos atrás. Poder-se-ia dizer sem exagero que Nietzsche hoje esta mais vivo do que naquela época, se bem que a sua obra já não esteja “onde um dia descobrimos, quando éramos jovens e ele ainda vivia”. Nietzsche é considerado aqui como político e como moralista e parece que a intenção do autor não foi outra senão explicar o seu papel na constituição ideológica do nazismo. Neste particular, o livro toma lampejos magníficos de ironia, quando nos relembra da ideia ridicularmente depreciativa que Nietzsche fazia dos alemães, a ponto, mesmo, de distinguir “alemão” de “germânico” e de querer passar sempre por um fidalgo polonês... De qualquer maneira, suas ideias foram aproveitadas pelo nacional-socialismo, expurgados alguns esclarecimentos que seriam, por certo, prejudiciais aos interesses do partido. “Considerava ele (Nietzsche) as teorias racistas, quaisquer que fossem, ilusórias e destituídas de valor. De si, dizia que era “um bom europeu”, e, aliás, na idade madura, viveu quase sempre na Suíça ou na Itália” (pág. XV).

Entrando na apreciação do livro, acho que Crane Brinton emprega uma linguagem muito... esportiva, quero dizer, desrespeitosa ou abaixo do assunto de que está tratando. Considerado ou não como filósofo, tido como escritor, apenas, ou como aforista, Nietzsche é, no entanto, um nome que conta na história do pensamento humano. O espírito de “parti-pris” de que

se acha tomado Crane Brinton, coisa que ele confessa, aliás, sem reboços, no prefácio, fá-lo, às vezes, perder contato com o terreno em que sempre devem caminhar estudos dessa ordem. É, porém, rigorosamente, honesto. Em todo o livro há o interesse da Verdade, e hoje sabemos sem engano que a Verdade não estava com Nietzsche.

O pensador prussiano é aqui reduzido às suas legítimas proporções, proporções um pouco ridículas para quem se julgava portador da mensagem do Super-homem. Ao contrário de Heinrich Mann, que às vezes parece considerar Nietzsche em pé-de-igualdade com o Cristo, Crane Brinton mantém melhor compostura, analisando-o com o rigor e a sem-cerimônia que já se faziam demorar. Enfim, tenho poucas coisas a discordar deste livro e ele diz muitas que eu pensava, mas que ainda não tivera a coragem ou a oportunidade de dizer...

Para finalizar, lembremos que a causa da Civilização está hoje no campo oposto ao de Nietzsche ou àquele em que o colocaram. De qualquer maneira, “Nietzsche, aonde quer que conduza, não conduzirá nunca aos Direitos do Homem”. (pág. XVI). E quero repetir com Crane Brinton que em caso nenhum, neste mundo, se deverá permitir que a força crie o direito – mesmo que, por ironia amarga do destino, essa força grite encontrar seu fundamento filosófico na obras de um pensador sútil e letrado e de um compositor espalhafatoso, criadores ambos de beleza e, portanto, benéficos.

Abstract: From the reading of two books on Nietzsche published in Brazil—those by Heinrich Mann (1940) and Crane Brinton (1942)—the then young literary critic Wilson Martins seeks to show his understanding of the author of *The Genealogy of Morals*. Emphasizing mainly Brinton’s interpretation, he rejects the truth of Nietzsche’s thought, whom he deems only a “Middle-class intellectual,” a “subtle and literate thinker,” whose ideas cannot justify neither the barbarousness of National-Socialism nor the cause of civilization.

Keywords: Nietzsche - interpretation - Heinrich Mann - Crane Brinton - truth.